

PM na USP é atentado, diz Antonio Candido

Professor emérito da universidade, crítico literário disse durante ato que pessoas têm o direito de discutir sem pressão do poder público

Marilena Chaui e Maria Victoria Benevides criticam falta de diálogo da reitoria; PM cumpre reintegração de prédios fechados por piquetes

TALITA BEDINELLI
DA REPORTAGEM LOCAL

“Estou aqui por uma única razão: para fazer um protesto veemente contra a intervenção da força policial no campus universitário. [Isso] é um atentado aos direitos mais sagrados que as pessoas têm de discutir, debater e agir sem nenhuma pressão do poder público.”

Foi assim que Antonio Candido, 90, um dos mais importantes críticos literários do país e professor emérito da FFLCH (Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas) da USP começou seu discurso ontem, em um ato de repúdio à repressão na universidade.

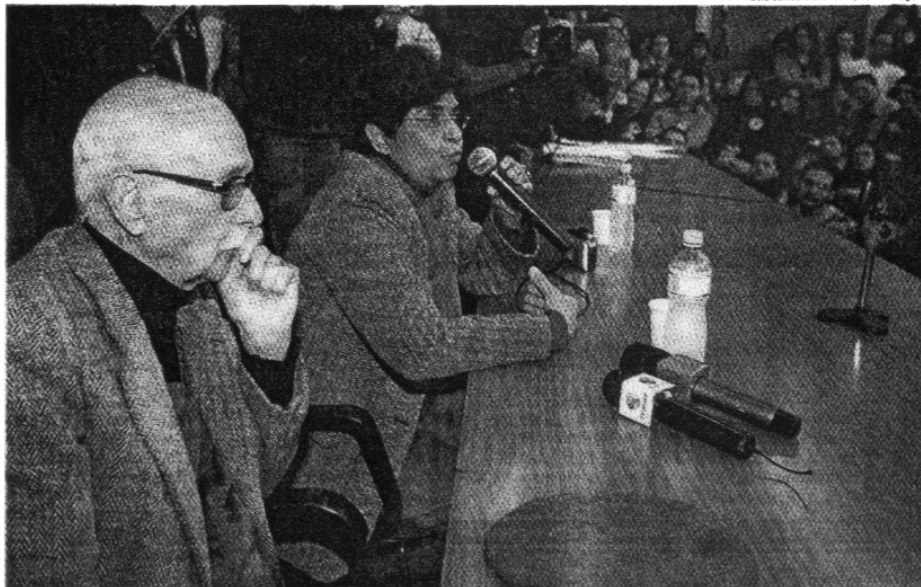
O debate contou ainda com a filósofa Marilena Chaui, professora da mesma faculdade, e com Maria Victoria Benevides, da Faculdade de Educação, que criticaram a falta de diálogo da reitoria da universidade.

Cerca de 450 pessoas — a maioria delas estudantes — acompanharam os discursos no auditório da Faculdade de Geografia, no campus Butantã (zona oeste de São Paulo) — na terça-feira retrasada, o prédio foi alvo de bombas de efeito moral da PM em confronto com alunos e servidores, que reivindicaram com pedras.

Do lado de fora do auditório, outras 500 pessoas se espremiaram em frente a um telão, que transmitia o debate.

Desde o dia 1º, a Polícia Militar ocupa a universidade para cumprir um mandado de reintegração de posse de prédios da USP fechados por piquetes de funcionários em greve desde 5 de maio.

O documento foi pedido pela reitora Suely Vilela. Desde os conflitos, docentes da universidade pedem a saída da reitora.



Antonio Candido e Marilena Chaui, em ato de repúdio à repressão na USP, ontem, que contou com a presença cerca de 450 pessoas

USP e Unicamp só usarão nota do Enem 2009

DA REPORTAGEM LOCAL

Os vestibulares da USP e da Unicamp deste ano vão usar apenas as notas do novo Enem (que será em outubro) como parte da pontuação da 1ª fase.

O uso do Enem é opcional. Se o aluno for bem, pede que a universidade use o resultado das questões objetivas da prova (o que não inclui a redação) para compor 20% de sua nota.

Até o ano passado, o aluno poderia escolher entre as notas das duas últimas edições do Enem. Com a mudança, quem quiser usar o exame terá de se inscrever — até 17 de julho — na edição de 2009.

A Unesp ainda considerará a nota do Enem 2008.

Protestos

Após o ato, estudantes e funcionários fizeram um protesto em frente da reitoria e seguiram para um piquete no “bandeirão” da Faculdade de Química, único dos quatro restaurantes universitários aberto durante a greve, por ser terceirizado. Eles liberaram as catracas e pediram para os servidores do local se retirarem. Depois, serviram comida aos usuários e lavaram a louça.

Na manhã de ontem, uma reunião entre os reitores de USP, Unesp e Unicamp com representantes de funcionários, professores e alunos marcou para a segunda uma reunião formal de negociação.

Mas os grevistas afirmam que só vão comparecer se a polícia deixar o campus. Os reitores dizem que os PMs só saem após o fim dos piquetes.

PARALISAÇÃO NA USP

Prédios afetados pela greve

☐ parcialmente ☑ totalmente

1 FFLCH

- >> História, Geografia e Letras (total)
- >> Sociais e Filosofia (parcial)

2 ECA

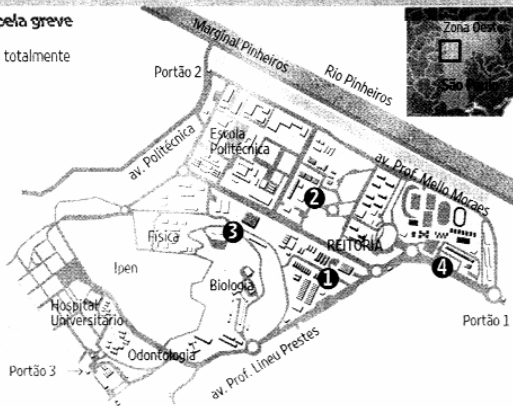
- greve atinge mais:
 - >> artes plásticas
 - >> artes cênicas
 - >> audiovisual

3 FAU

parcial

4 EDUCAÇÃO

total



REIVINDICAÇÕES E RESPOSTAS

SALARIAIS

- >> Funcionários pedem 16% de reajuste e incorporação de R\$ 200
- >> O Cruesp (conselho de reitores) oferece 6,05% de aumento

POLÍTICAS

- >> Readmissão do ex-funcionário Claudionor Brandão, sindicalista
- >> Fim de processos administrativos contra alunos e funcionários
- >> Reitoria diz que não há processos contra quem atua em greve

EDUCACIONAIS

- >> Fim da Universidade Virtual do Estado de São Paulo
- >> O Cruesp diz que cursos a distância democratizam o ensino